

DER 43415

Porantim

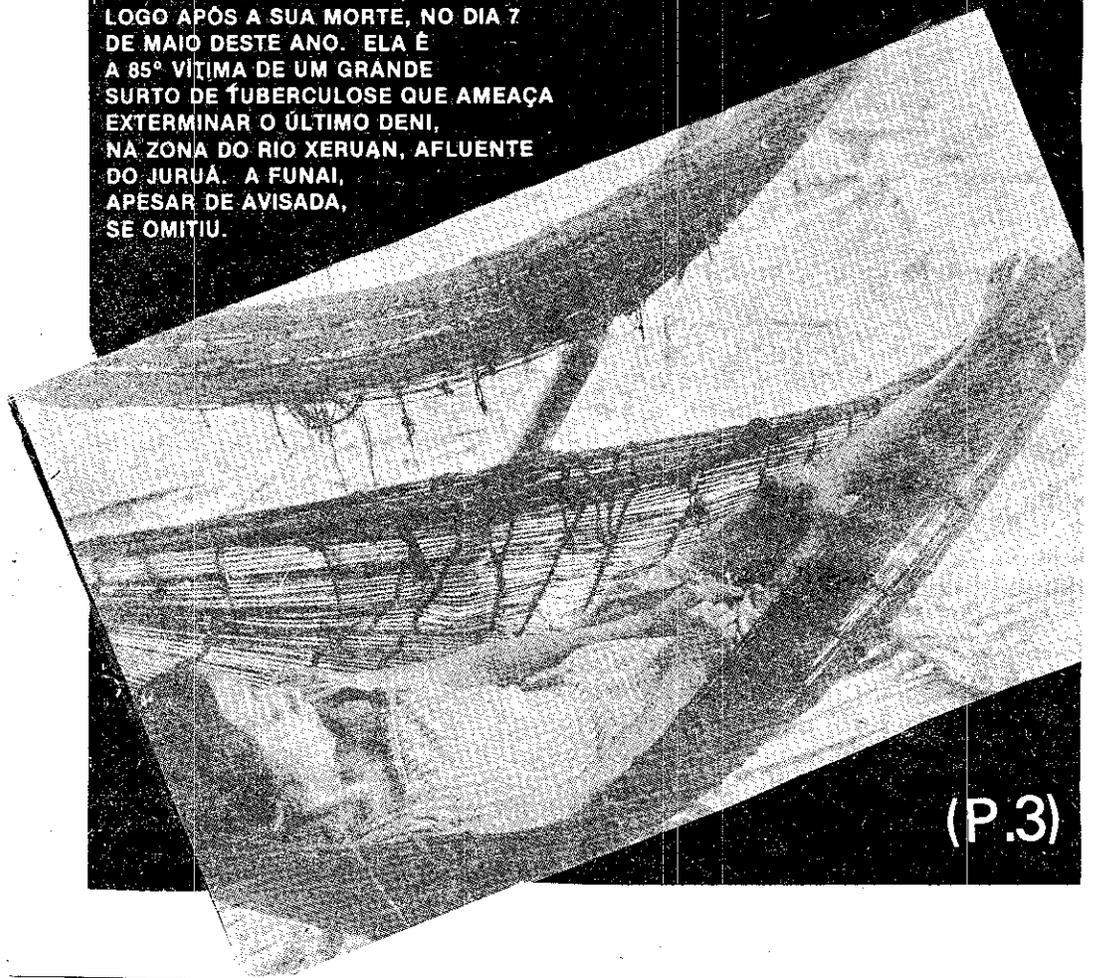
PORA

EM DE

MANAUS — ANO II N.º 10 — AGOSTO/79

TUBERCULOSE NO JURUÁ MATA 85 ÍNDIOS DENI

ESTA INDIA DENI, DE NOME VINUTANI, FOI FOTOGRAFADA PELO PE. EGON, LOGO APÓS A SUA MORTE, NO DIA 7 DE MAIO DESTE ANO. ELA É A 85ª VÍTIMA DE UM GRANDE SURTO DE TUBERCULOSE QUE AMEAÇA EXTERMINAR O ÚLTIMO DENI, NA ZONA DO RIO XERUAN, AFLUENTE DO JURUÁ. A FUNAI, APESAR DE AVISADA, SE OMITIU.



(P.3)

NO JURUÁ

Dia 7 de maio de 1979. Maloca do Palermo, no igarapé Cujubim, afluente do rio Xeruan. Deitada em sua maqueira, feito esqueleto humano, dorme o seu último sono a jovem mãe índia de 20 anos, chamada Vinutani, à espera de que seus irmãos a levem para a sua "hemeté" (sepultura). Morreu de "morte matada", da tuberculose que ameaça levar - um por um - todos os Deni. A equipe de pastoral indígena da Prelazia de Tefé comunicou o fato à FUNAI, que enviou, com atraso, um médico; este cuidou da pereba de uma criancinha índia, distribuiu vitaminas e preferiu ignorar que

SURTO DE TUBERCULOSE MATA 85 INDIOS DENI

(Do nosso correspondente Egon Dionisio)

A morte de Vinutani não é um fato isolado; pelo menos 85 índios Deni - que era conhecidos como Jamamadí - localizados nas malocas dos igarapés e afluentes do rio Xeruan, morreram nestes últimos anos, vítimas da tuberculose pulmonar ou ganglionar, de acordo aos sintomas apresentados e aos exames de baciloscopia feitos pelo laboratorista do Hospital de Caruaru, José Maria Parrilha.

Para que a FUNAI não repita a dose do triste episódio do rio Mará, quando o gal. Ismarth questionou o número de mais de 100 índios mortos de malária, divulgados pelo PORANTIM, estamos publicando uma lista com o nome, a idade e a maloca dos 85 mortos, em dados levantados com os próprios índios pelo pe. Egon Dionisio.

O pe. Egon e o laboratorista José Maria imediatamente, após a morte de Vinutani comunicaram a 1ª Delegacia Regional da FUNAI com sede em Manaus, através de uma carta, onde informam que um grande surto de tuberculose estava vitimando a população de quase 300 índios em 4 malocas.

A FUNAI enviou uma "Equipe Volante de Saúde", chefiada pelo dr. Paulo, médico do FAST Clube. O médico cuidou da pereba de uma criancinha, distribuiu bolachas e vitaminas C e com uma pressa muito grande talvez porque o FAST tinha uma "importante" partida de futebol em Manaus retornou logo da área indígena e o problema continuou como antes.

A ALEGRE VINUTANI

O pe. Guilherme, vigário de Itamarati, município de Caruaru, juntamente com membros da pastoral indígena da Prelazia de Tefé, fizeram uma visita "de rotina" à população indígena do rio Xeruan, afluente do rio Juruá, no início de maio do corrente ano.

Na maloca do Palermo, no igarapé Cujubim - mais conhecido na região como igarapé Caramuru - a equipe presenciou no dia 7 de maio a morte de uma jovem mãe índia, de 20 anos, de nome Vinutani. Para os índios Deni, desta maloca, "era um novo dia de dor e lágrimas". Três dias antes, os índios haviam comentado que Vinutani era "forte, alegre e disposta ser conduzida a sua "hemeté" (sepultura). Os índios estavam inconformados.

A partir desta morte, a equipe suspeitou que se tratava de um surto muito grande de tuberculose, responsável já pela morte de 85 índios. De volta à Caruaru, foi escrita uma carta à 1ª Delegacia Regional da FUNAI em Manaus e o pe. Egon retornou à área indígena, acompanhado do laboratorista do Hospital de Caruaru, José Maria Parrilha, com o objetivo de tentar tomar algumas medidas imediatas, ou pelo menos analisar in loco a doença para tratar dos doentes mais graves e encaminhar um programa de controle da mesma.

Na aldeia dos Deni foi recolhido o material necessário para os exames, de baciloscopia. Várias lâminas de escarro analisadas pelo laboratorista José Maria deram resultado "positivo", então se procedeu a um levantamento e se constatou que 85 índios morreram nos últimos anos vítimas de tuberculose e grande parte da população está atualmente atacada pela doença em suas duas modalidades: pulmonar e ganglionar.

"VISITA DE MÉDICO"

Na carta datada de 24 de maio e assinada pelo padre e pelo laboratorista, se pedia que a FUNAI cumprisse o próprio Estatuto do Índio (Art-2.º) com vistas a identificar, controlar

e erradicar a doença. Enquanto se esperava a chegada do médico, se contactou com diversas entidades tais como a Prefeitura Municipal de Caruaru, que colocou um barco à disposição e a própria paróquia que se dispôs a viabilizar o deslocamento, além de outras instituições que auxiliaram para suprir as despesas de viagem.

Quinze dias depois, no dia 4 de junho, a "Equipe Volante de Saúde" (EVS) da FUNAI chegou em Caruaru, chefiada pelo dr. Paulo, ex militar, 30 anos aproximadamente, que além do meio-expediente dado na Casa do Índio em Manaus, é médico do FAST Clube. Além dele, um enfermeiro e um laboratorista. Durante 6 dias, os membros da EVS ficaram hospedados no Hotel de Caruaru, jogando futebol de salão entre uma refeição e outra, alegando que não podiam deslocar-se para as malocas porque "o motor da prefeitura deu o prego", e portanto "resolveram aguardar".

Com o retorno do pe. Egon e José Maria da maloca dos Deni, o médico Paulo pediu os dados "para fazer o relatório e enviá-lo à Brasília". Os dois insistiram na necessidade de ir ao local e conseguiram um helicóptero da Petrobrás. "Para não ser uma viagem turística - disse o pe. Egon - temos de passar no mínimo seis dias na área". O médico alegou que não podia, tinha ordens da direção da FUNAI-AM para voltar na segunda-feira de manhã (era sábado à noite). Finalmente, convenceram-no ficar pelo menos até terça-feira. Viajaram então domingo de manhã para a maloca de Palermo onde passaram apenas duas horas.

O "BICO" DO DOUTOR

"Viemos aqui para ajudar vocês, ver a saúde de vocês." Com essa saudação do Dr. Paulo a Equipe Volante de Saúde entra em ação. O modo de operar da EVS deve ser analisado mais detalhadamente.

Depois da saudação, o dr. Paulo puxa o saco de bolachas e começa a distribuição. Após pequeno intervalo, a segunda rodada, desta vez com pastilhas e comprimidos de vitamina C. Segue a distribuição de copinhos para cuspir dentro (para o exame de baciloscopia). Descontada a primeira hora que foi para o almoço da equipe, a operação demorou na realidade uma hora.

No dia seguinte, o dr. Paulo segue até a maloca de Humaná onde só encontra 7 índios, os demais estavam na maloca velha fazendo farinha ou trabalhando na sorya para o patrão. Depois de 6 horas de caminhada no dia anterior, o resto da equipe se recusou a ir até a outra maloca. Entre descansar, almoçar e serviço de saúde, a permanência em Humaná foi de uma hora.

"É inconcebível - diz pe. Egon - que uma equipe de saúde vinda de Manaus a Caruaru de avião, permaneça uma semana na cidade e depois se desloque de helicóptero até a região das malocas para permanecer ali apenas dois dias, dos quais umas 3 horas apenas na maloca, sendo que a metade do tempo gasto foi para almoçar e descansar da caminhada. Só o custo das duas viagens de helicóptero, umas 6 horas de voo, fica em aproximadamente cr\$ 150.000,00. Pouco importa que tenha sido a Petrobrás que tenha cedido esse transporte".

"Explica para eles (os índios) que eu sou médico da FUNAI" insistia o dr. Paulo repetidas vezes. A outra frase mais ouvida foi: "Já tenho bastante dados para o meu relatório".

"A grande preocupação mesmo parecia ser o relatório que tinha que ser enviado à Brasília e não o surto de doença que vinha dizimando os Deni. "Retrato fiel e alarmante - diz pe. Egon - de um órgão transformado em cabide de emprego e esvaziado de qualquer ideal humanitário. "O "bico" do dr. Paulo na FUNAI lhe rende cr\$ 32.000,00 mensais.

PEREBA OU TUBERCULOSE?

Na maloca de Palermo, uma índia Deni com os gânglios supurando. Pe. Egon insistia para o médico fazer a biópsia, este demonstrou má vontade. (Mas no final declarou: "Estou com a consciência tranquila. Fiquei tão feliz porque dei remédio para aquela criancinha com pereba".

"O simples fato de ter afirmado isto algumas vezes parece demonstrar que ele não estava com a consciência tranquila - prossegue pe. Egon. É imperdoável que ele não tenha feito a biópsia naquela índia com os gânglios supurando e que ele mesmo afirmava que era 97% provável que tivesse tuberculose ganglionar. Como outros índios estão na mesma situação, é praticamente certo tratar-se de um grande surto de tuberculose. Não precisa prova mais evidente de que realmente não tinha a mínima preocupação com a saúde dos Deni. Diante de tudo isto, é muito cinismo se dizer que se está com a consciência tranquila".

Para o Pe. Egon, "gastou-se um dinheirão sem praticamente nenhum resultado para os índios Deni que continuam morrendo e continuando, caso não sejam tomadas providências reais e não burocráticas. Não é com "boas intenções" e vãos improvisados que se ajuda a resolver os graves problemas de saúde dos povos indígenas. E para mostrar que não se trata de um caso isolado, publicamos a opinião de Jean Chiappino à respeito do Departamento de Saúde da FUNAI:

"A inconsistência desse Departamento, a irresponsabilidade de seus membros e em verdade a sua incompetência, deixam-me afirmar que esse Departamento não existe. Tomaram-se todas as medidas para obter fotografias, a fim de provar a eficiência da ajuda médica prestada pela FUNAI aos índios doentes, mas depressa, saturados de folclore, a equipe partiu, deixando-me sozinho, sem remédio". (The Brazilian Indigenous Problems and Policy: The Aripuan Park" Copenhagen/Genebra - 1974)

TRAGÉDIA DENI

A Equipe Volante de Saúde da FUNAI não está comprometida com a causa indígena. No

caso dos Deni o CIMI - Norte I exige que seja prestada uma assistência médica constante, ou do contrário todos eles serão exterminados, sem ninguém assumir a responsabilidade do crime, o que é uma maneira "civilizada" de matar.

As raízes deste processo de extermínio - que se acelera face à omissão da FUNAI - vem de longa data. Até a segunda metade do século passado, os diversos grupos da grande e numerosa nação DENI, viviam aos milhares nas florestas, sadios e alegres, numa extensa região compreendida entre os rios Purus e Juruá, cabeceiras do Tapauá, (Pauini e afluentes do Xeruan.

Com a corrida da borracha, milhares de nordestinos foram aliciados e jogados nessas matas para produzirem para a guerra. Dai para frente, as balas, epidemias e outros "recursos" foram completando o massacre.

Os Hawá Deni que habitavam a região próxima ao Juruá foram vitimados por uma epidemia no início dos anos 30 do século atual, da qual sobreviveram apenas pouco mais de uma centena de meninos e uma menina que fugiram, indo juntar-se ao Kuniwá Deni, localizados mais próximos, conforme nos contava com lágrimas nos olhos Sabino, da maloca do Aracajú, no igarapé "Inveja", afluente do Cujubim - diz o pe. Egon. Sabino mal se lembrava desse triste momento, pois era naquele tempo guri de uns 10 anos: lembrava-se apenas de algumas palavras da língua de seu povo.

Os Katu Deni foram totalmente extintos. Na maloca Humaná nos relatavam, tristes: "esses Katu acabô, não tem mais", como a prevê o seu próprio destino.

Os Makuí Deni viviam mais nas cabeceiras do rio Purus, de onde, pressionados pela frente do extrativismo, foram procurando outros refúgios. Alguns, como o velho tuxaua Marú, acabaram se juntando aos Kuniwá, o resto do seu povo - conta Marú - acabou sendo morto pelos Banawí e pelos seringueiros.

Da mesma forma, os sobreviventes dos Minú Deni, e Warassá Deni vieram a se juntar aos Cuniwá Deni e Bukuré Deni, acontecendo desta forma a fusão forçada dos "restos" - testemunhas silenciosas do massacre e do extermínio que se prolonga até nossos dias.

OS DENI MORTOS DE TUBERCULOSE

01. Vinutani	18. Bini	35. Panani	51. Uamuharú	68. Joari
02. Peru (Maria)	19. Hapiari	36. Ahie	52. Txahirá	69. Sizurini
03. Simizá (Paixão)	20. Kairá	37. Unipirá	53. Kuniné	70. Makuni
04. Mawaharú (Letícia)	21. Nihirú (Iracema)	38. Makuturú	54. Witani	71. Sirohá
05. Joaná (Maria)	22. Kurina	39. Napanani	55. Zahú	72. MARUWI
06. Perpétua	23. Madihá	40. Zabono	56. Kuniharú	73. Imabuté
07. Timadzaru (Paraíba)	24. Orinani	41. Bahé	57. Veizani	74. Marawani
08. Iranaxá (Jesus)	25. Mariano	42. Kawariwi	58. Mapará	75. Hokoni
09. Zami (Maria)	26. Mahizá	43. Parú	59. Maruni	76. Maruzawá
10. Zohá	27. Pupumani	44. Wazuku	60. Zamitawi	77. Hawé
11. Marukurú	28. Kamuwari	45. Koitini Boanani	61. Rukupá	78. Maruzawá
12. Vanazú	29. Kumini	46. Tanuhuniri	62. Mapó	79. Madihá
13. Tami	30. Majawará	47. Ceará	63. Marikiná	80. Mapará
14. Kaimun	31. Mauri	48. Pedorú	64. Ozapitú	81. Tahará
15. Makuturú	32. Mariano	49. Apie	65. Benanihé	82. Zarawí (João Velho)
16. Uninipirá	33. Kumé	50. Nahurawi	66. Kawadizá	83. Manitzá (Napanani)
17. Kohé	34. Zohani		67. Kakiwara	84. Tewé
				85. Kaimarú

